

CENÁRIO-1: DI LONGO CAI COM COPOM, DÓLAR, COM EXTERIOR E BOLSA RECUA

Os mercados financeiros mantêm a toada de ajustes moderados, pautados por uma série de fatores. No câmbio, a desvalorização quase generalizada do dólar no exterior - ante boa parte das moedas de países emergentes e moedas fortes - determina o sinal negativo para a cotação ante o real. Nos juros futuros, esse ajuste se soma ao efeito Copom - que ontem manteve a Selic em 6,5% e abriu a porta para um aperto monetário em caso de piora das expectativas de inflação e do balanço de riscos. Os vencimentos curtos rondam a estabilidade, pelo tom conservador do comunicado do colegiado. Ao mesmo tempo, o discurso firme abre espaço para devolução de prêmios nas pontas intermediária e longa. Já a Bolsa, após fôlego inicial para cima na abertura quando flertou com os 79 mil pontos embalada pelos ganhos em Nova York e nos índices de ações europeus, não resistiu ao movimento de realização de lucros e virou, abrindo a tarde em ligeira baixa. Esse ajuste é influenciado pelas perdas de Petrobras e do petróleo. A reação aos números da pesquisa Datafolha é contida, em boa medida porque mostra a liderança de Jair Bolsonaro e a polarização dele com Fernando Haddad em direção ao segundo turno, o que já está embutido nos preços dos ativos. Além disso, embora Ciro Gomes tenha sido o único candidato que derrotaria todos os rivais no segundo turno, o que geraria respostas negativas dos ativos, há algumas avaliações segundo as quais antes dessa etapa, no primeiro turno, Ciro apresenta uma resistência maior em crescer - e o mercado vê Haddad como menos radical do que Ciro. No exterior, segue a distensão com desdobramentos da guerra comercial, pela visão de que os impactos das tarifas impostas serão limitados, garantindo alta às bolsas. Dados dos EUA chegaram a alavancar os retornos dos Treasuries, mas posteriormente as taxas deixaram de ter uma direção única.

JUROS

O viés de baixa predomina nos juros futuros nesta manhã, com os mais longos acompanhando a queda do dólar e refletindo a expectativa de que uma alta de juros começando no curto prazo tiraria pressão de aperto monetário num prazo mais longo. Essa perspectiva de aperto monetário após as eleições segura os vencimentos mais curtos perto da estabilidade, após subirem mais cedo. A pesquisa Datafolha, por sua vez, tem impacto limitado na curva.

A expectativa agora é com o debate dos presidenciais (21h30), que será transmitido pela TV Aparecida e o primeiro com o candidato Fernando Haddad (PT) e o segundo sem Jair Bolsonaro (PSL), que segue internado após ter levado uma facada no início do mês. E amanhã tem IPCA-15.

Segundo Luis Felipe Laudisio dos Santos, operador de renda fixa da Renascença DTVM, "com o Copom sendo mais duro, inclusive indicando possibilidade de alta de juro", é natural que os longos recuem, juntamente com a ajuda do ambiente mais positivo no exterior.

Mais cedo as taxas mais curtas subiram mais, e de qualquer modo o viés de alta do início da tarde ainda se deve ao tom conservador do comunicado do Comitê de Política Monetária (Copom), que sinalizou que pode subir a Selic na próxima reunião, após o segundo turno das eleições, observou um outro profissional de renda fixa.

Sobre a pesquisa Datafolha, esse profissional avalia que o efeito acaba sendo mais neutro. "O Bolsonaro subiu, o que é bom, mas por outro lado o Ciro, que é o pior de todos para o mercado, ganha no segundo turno, o que traria um viés negativo", salientou. Ele observa que o presidenciável Haddad também mostrou melhora, mas com menos força que a vista na pesquisa Ibope. "Vamos ter uma briga ferrenha entre Ciro e Haddad para o segundo turno e o PT pode até mudar o foco deixando mais o Bolsonaro e atacando mais o Ciro", acrescentou.

No comunicado da reunião de ontem, na qual a Selic foi mantida em 6,50% ao ano, como já era esperado pela maioria no mercado, os diretores do BC explicitaram que os estímulos à economia concedidos através dos juros baixos poderão ser "removidos gradualmente" caso piore o cenário para a inflação ou o balanço de riscos para a política monetária. O documento, porém, não faz menção direta à eleição presidencial. A próxima decisão do Copom ocorrerá no dia 31 de outubro três dias após o segundo turno das eleições.

"Em grande medida, isso significa que os próximos passos da autoridade monetária estarão condicionados ao resultado das eleições e aos consequentes impactos nos mercados financeiros e nas expectativas de inflação, de modo que a confirmação de um cenário mal recebido pelos agentes econômicos levaria o BC a elevar os juros ainda em 2018", avalia a economista Alessandra Ribeiro, da Tendências Consultoria, em análise a clientes.

Segundo ela, num cenário que contempla vitória no PT, o aperto monetário já poderia começar na reunião de outubro, como "resultado da reação negativa dos mercados, materializada no aumento da percepção de risco, depreciação adicional do câmbio e impactos adversos nas projeções de inflação de 2019". Nesse caso, salienta, o BC poderia promover outra alta de juro também em dezembro para evitar a desancoragem das expectativas. Num cenário com vitória de Bolsonaro, segundo ela, a Selic poderia não ser elevada inicialmente, diante da expectativa de uma reação mais positiva dos mercados.

No comunicado, no cenário de referência, em que o BC utilizou uma Selic fixa a 6,50% e um dólar a R\$ 4,15 nos cálculos, a projeção para o IPCA em 2018 subiu de 4,2% para 4,4%. No caso de 2019, o índice projetado aumentou de 4,1% para 4,5% - já acima, portanto, do centro da meta de inflação no próximo ano, de 4,25%. As projeções anteriores constaram na ata do encontro anterior do Copom, divulgada no início de agosto.

Com relação ao Datafolha, a pesquisa mostrou Bolsonaro (PSL) na liderança para o primeiro turno, tendo oscilado de 26% para 28% das intenções de voto. Em segundo lugar aparece Haddad, que oscilou três pontos para cima, para 16%. O petista aparece

empatado tecnicamente com Ciro Gomes (PDT), que continua com 13% das intenções de voto. No 2º turno, no entanto, Ciro é o único candidato que derrotaria todos os rivais.

A pesquisa revelou ainda que a rejeição a Bolsonaro oscilou levemente para baixo. Os eleitores que não votam de jeito nenhum no militar passaram de 44% para 43%. Já a rejeição a Haddad oscilou de 26% para 29%. A rejeição a Ciro oscilou de 21% para 22% enquanto a de Alckmin passou de 25% para 24%. A de Marina saiu de 30% para 32%.

O Tesouro Nacional vendeu 3,825 milhões de Letras do Tesouro Nacional (LTN), ou quase toda a oferta inicial de 4 milhões, em leilão realizado nesta manhã. O giro financeiro somou R\$ 3 bilhões aproximadamente. O Tesouro vendeu ainda as 100 mil Notas do Tesouro Nacional - Série F (NTN-F) ofertadas em leilão realizado no fim da manhã. O volume financeiro somou R\$ 93,3 milhões.

Às 12h46, o DI para janeiro de 2020 exibia 8,52%, de 8,53% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2021 estava em 9,73%, de 9,74%, enquanto o vencimento para janeiro de 2023 marcava 11,31%, de 11,36% no ajuste de ontem. O DI para janeiro de 2025 estava em 12,00%, de 12,14%. O DI para janeiro de 2019 marcava 6,740%, de 6,791% no ajuste de ontem, refletindo o desmonte de posições de alguns players que ainda apostavam em um alta de 0,25 ponto porcentual da Selic ontem. (Luciana Antonello Xavier - luciana.xavier@estadao.com)

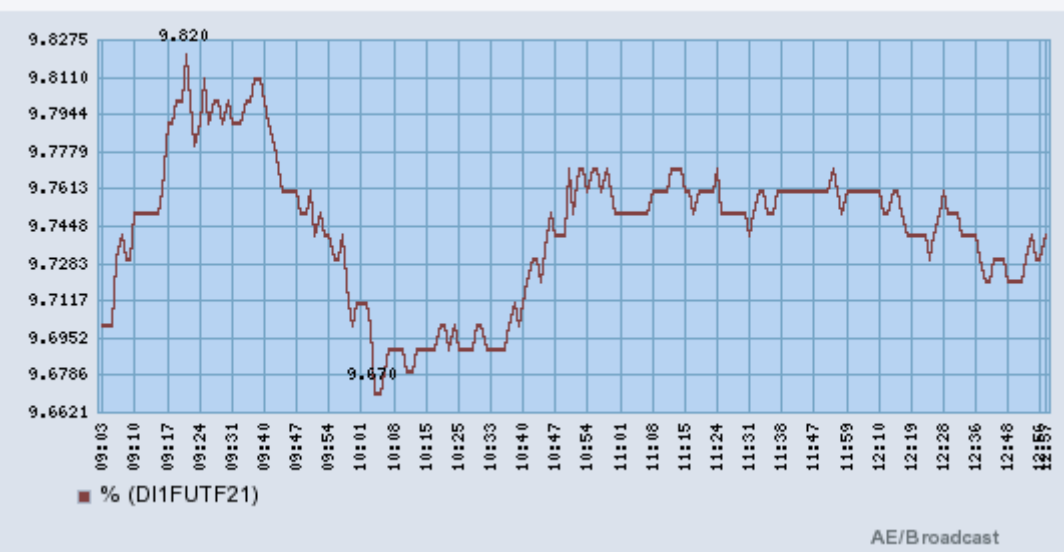
12:58

DI1FUTF19	DI1FUTF20	DI1FUTF21
6.735	8.520	9.730

12:58

Operação	Último
CDB Prefixado 32 dias (%a.a)	6.41
Capital de Giro (%a.a)	9.54
Hot Money (%a.m)	1.08
CDI Over (%a.a)	6.39
Over Selic (%a.a)	6.40

DI Futuro 20/09/2018



CÂMBIO

Diante da forte queda do dólar ante moedas desenvolvidas e recuo perante a maioria das emergentes, o real teve uma manhã de valorização. Assim como ontem à tarde, o comportamento global da divisa americana preponderou para a pressão de baixa. O recuo também teve apoio da leitura dos dados da última pesquisa Datafolha, majoritariamente, positiva. Exatamente como aconteceu com o levantamento Ibope, os dados do instituto Datafolha surtiram interpretações contraditórias, algumas classificadas como favoráveis aos ativos domésticos, outras como desfavoráveis.

Divulgado nesta madrugada, o levantamento Datafolha mostrou novo crescimento de Jair Bolsonaro (PSL), de 26% para 28%, e também de Fernando Haddad (PT), de 13% para 16%. A pesquisa apontou também a vitória em segundo turno de Ciro Gomes (PDT) perante qualquer adversário.

Como leitura positiva, agentes do mercado pontuaram que a possibilidade de um segundo turno entre Bolsonaro e Haddad continua sendo a mais provável, a despeito do empate técnico entre o petista e Ciro Gomes (PDT), segundo analistas. "O mercado não abandonou o 'call' de Bolsonaro e Haddad no segundo turno", afirmou o gestor de fundos macro da Claritas Investimentos, Damont Carvalho.

A estrategista de câmbio do Banco Ourinvest, Fernanda Consorte, tem entendimento semelhante. Diz que o recuo do dólar pode estar relacionado à uma percepção no mercado de que a liderança nas pesquisas do presidencial Jair Bolsonaro (PSL) dará vitória ao candidato de viés, teoricamente, liberal, haja visto as orientações do economista Paulo Guedes.

Outra interpretação considerada favorável para os ativos domésticos foi o ritmo de crescimento de Haddad na pesquisa Datafolha (+3 pontos percentuais) bem menor do que no levantamento Ibope (+11 pontos percentuais). 'O importante do Datafolha é

que a pesquisa mostrou que não está consolidado o ritmo de crescimento do [petista Fernando] Haddad, observado no Ibope", afirmou o operador da H.Commcor Cleber Alessie Machado Neto.

Do ponto de vista negativo para o mercado, houve quem apontasse no empate técnico entre Ciro (que manteve o percentual de 13% da última pesquisa) e Haddad. Esse embate entre os dois presidenciáveis considerados de esquerda imporia dúvidas sobre quem serão os concorrentes no segundo turno. Outro ponto negativo foi o fato de Bolsonaro seguir como líder absoluto das rejeições: 43% afirmam que não votariam no militar da reserva. Entre esses, a maioria são mulheres com menor poder aquisitivo. Esse dado somado à ausência do capitão reformado das ruas, visto que segue hospitalizado, e a ruídos na condução da campanha e do programa eleitorais preocupam analistas.

Outro ponto do noticiário doméstico, segundo Fernanda, da Ourinvest, é o comunicado mais conservador do Copom na noite de ontem, quando houve manutenção da taxa Selic em 6,5% ao ano. "O BC disse que está atento a mudanças no cenário e nas perspectivas para IPCA. Em outras palavras, se o câmbio afetar muito a inflação e expectativas, o BC vai aumentar a Selic, aumentando nosso diferencial de juros e, assim, dando alguma força para o real", disse a estrategista.

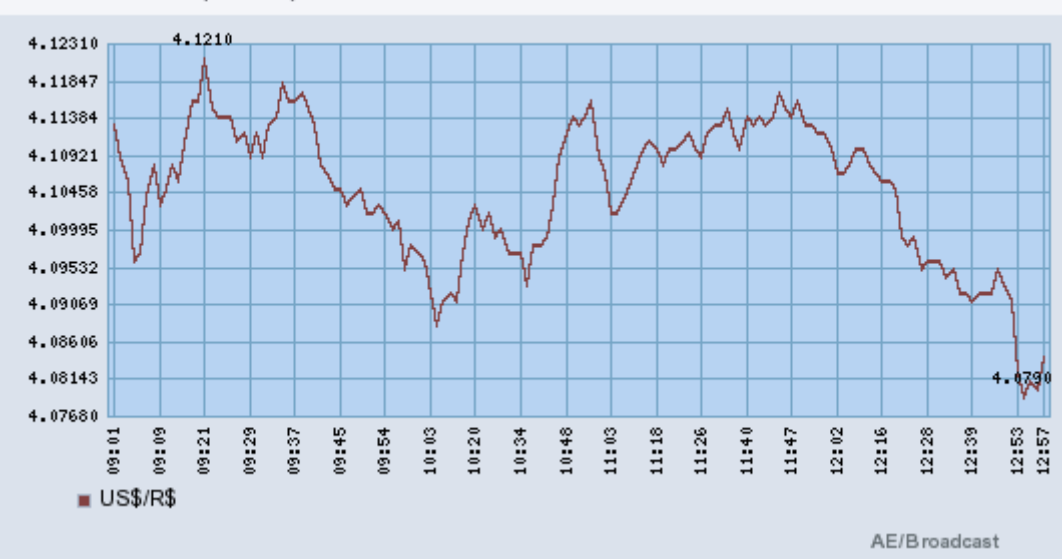
Do noticiário internacional, o gestor da Claritas destacou a recente movimentação da China para melhorar as condições com parceiros comerciais que não os EUA, enquanto vive o embate tarifário com o governo americano. O gabinete chinês anunciou nas últimas semanas medidas para apoiar exportadores, como a redução de tributos e de burocracia aduaneira. Hoje, emitiu uma série de diretrizes políticas voltadas a estimular o consumo, diante da desaceleração do investimento doméstico e das exportações. Pequim tem buscado apoiar o consumo como um importante motor do crescimento, no momento em que enfrenta mais riscos internos e externos. Na avaliação da Carvalho, da Claritas, essa movimentação é importante e inteligente porque busca estimular a economia, melhorar as condições com outros grandes parceiros comerciais, em vez de limitar-se a brigar com os Estados Unidos.

Às 12h56, o dólar à vista caía 1,19% aos R\$ 4,0812. Na mínima, foi a R\$ 4,0777 em queda de 1,29%. O contrato para outubro da moeda recuava 1,13% aos R\$ 4,0830. O Dollar Index perdia 0,47%. Ante a lira turca, o dólar recuava 0,66%. Perante o rublo russo, recuava 0,79%. (Karla Spotorno - karla.spotorno@estado.com)

12:58

Dólar (spot e futuro)	Último	Var. %	Máxima	Mínima
Dólar Comercial (AE)	4.08370	-1.1402	4.12170	4.07770
Dólar Comercial (BM&F)	4.13200	10/11		
DOLFUTV18	4086.500	-1.05327	4125.000	4080.000
DOLFUTX18	4126.000	-0.3	4127.000	4108.000

Dólar comercial (Balcão) 20/09/2018



BOLSA

A Bolsa inicia a tarde em leve baixa com os investidores ajustando suas posições e na contramão dos ganhos de suas pares no mercado acionário internacional. O índice à vista abriu o pregão em alta e tentou tocar os 79 mil pontos, assim como na sessão de ontem. O movimento espelhava o sinal verde à tomada de risco pelos investidores nas bolsas externas em um contexto de leitura mais amena do cenário eleitoral doméstico diante dos resultados da pesquisa Datafolha.

No entanto, explica Felipe Bevilacqua, sócio da Levante Ideias de Investimentos, a pressão que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, resolveu fazer sobre a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), reclamando do preço alto da commodity, influencia mercados emergentes que têm essa matéria-prima, como o Brasil. Os contratos futuros de petróleo operaram a manhã toda em queda.

"Essa nova tentativa de intervenção de Trump cria um medo, uma pressão, que acaba refletindo por aqui", afirmou o especialista.

Nesta manhã, o Ibovespa vinha em alta apoiado na força do exterior, mas, por volta das 10h45, o petróleo em queda pesou e começou a pressionar negativamente as ações de Petrobras, que conduziram o índice ao campo negativo, naquele momento, de forma pontual. Mas a correção para o negativo veio mesmo quando, entre as blue chips, o bloco financeiro também inverteu o sinal junto com a estatal do petróleo.

Às 12h23, o Ibovespa tinha queda de 0,28%, aos 77.951,48 pontos. O giro financeiro era de R\$ 3,44 bilhões com projeção de chegar aos 10 bilhões ao final do dia. Na primeira etapa do pregão, o índice à vista oscilou entre a mínima de 77.820 pontos e a máxima de 78.943 pontos. As blue chips operavam com sinais mistos com alta apenas

em Vale ON (+0,51%) e units do Santander (+0,28%) e baixa em Petrobras ON (-0,73%), Itaú Unibanco PN (-0,58%), Bradesco PN (-0,38%) e Banco do Brasil ON (-0,03%).

Para o economista-chefe da Modalmais, Alvaro Bandeira, o Ibovespa passou por uma resistência importante, dos 78.800 pontos, mas ainda será preciso se consolidar nesse nível para ganhar tração para cima.

Os investidores ainda seguem muito sensíveis aos movimentos dos candidatos à Presidência da República. Para Pedro Guilherme Lima, da Ativa Investimentos, o cenário ainda segue indefinido. "Mas o mercado está precificando bem o fato de Ciro Gomes [PDT] estar sendo passado por Fernando Haddad [PT], pois algumas medidas de Ciro são mais intervencionistas no mercado do que de um governo do PT", afirmou.

Vale lembrar que hoje à noite haverá um novo debate dos presidentiáveis na TV Aparecida. Será o primeiro com a presença de Haddad e o segundo sem Bolsonaro, que segue internado no Hospital Albert Einstein.

No plano econômico, a sinalização do Comitê de Política Monetária (Copom) de que o início do ciclo de aperto monetário pode ocorrer à frente foi um ponto digerido pelos investidores. (Simone Cavalcanti - simone.cavalcanti@estadao.com)

12:58

Índice Bovespa	Pontos	Var. %
Último	78030.70	-0.17649
Máxima	78943.89	+0.99
Mínima	77820.24	-0.45
Volume (R\$ Bilhões)		3.94B
Volume (US\$ Bilhões)		959

12:58

Índ. Bovespa Futuro	INDFUTV18	Var. %
Último	78275	0.00639
Máxima	79190	+1.18
Mínima	78015	-0.33

Bovespa 20/09/2018



[Volta](#)

MERCADOS INTERNACIONAIS

A visão de que os efeitos imediatos da nova rodada de tarifas entre os Estados e a China sobre a economia americana serão limitados manteve as bolsas de Nova York em alta durante a manhã, com todas as gigantes tecnológicas americanas marcando ganhos próximos ou superiores a 1%. A sessão do dólar é na ponta oposta, com comportamento misto ante emergentes, mas fraqueza quase generalizada em relação a rivais, à medida que investidores ponderam que rumo pode tomar o conflito sino-americano após as eleições para o Congresso dos EUA em novembro. Nessa frente, houve ainda reflexos sobre a libra da surpreendente expansão mensal das vendas no varejo do Reino Unido em agosto, e detentores desta divisa e do euro viram a lacuna entre as posições de Bruxelas e de Londres sobre o Brexit se manter inalterada no encerramento da cúpula informal da União Europeia na Áustria. Indicadores nos EUA chegaram a dar impulso sincronizado aos retornos dos Treasuries, mas a tendência única havia se desfeito perto do meio-dia. Já o petróleo firmou-se no vermelho após o presidente americano, Donald Trump, criticar publicamente uma suposta conivência da Opec com preços elevados da commodity.

Consolidada a percepção de que um desmonte da tensão comercial antes do pleito legislativo nos EUA em novembro é bastante improvável, observadores voltam o olhar para o que pode ocorrer se o fim do fervor eleitoral em Washington viabilizar uma aproximação com Pequim. A reação dos mercados à imposição mútua de uma nova rodada de tarifas sobre importações, afinal, foi de uma tranquilidade fiada pelo tom menos agressivo que o visto anteriormente, quando o recrudescimento do conflito se dava por ameaças. Para diversos analistas ouvidos pelo Broadcast, um possível acordo entre os EUA e a China seria positivo não somente para as duas maiores economias do mundo como também para alguns países emergentes, mas outras negociações precisam ser monitoradas no cenário global antes de se falar em ganhos generalizados (veja reportagem publicada no Broadcast hoje, às 9h07).

Diante da expectativa de que as cobranças adicionais anunciadas no começo da semana pudessem prejudicar o consumo, a China emitiu hoje uma série de diretrizes políticas voltadas a estimular esse segmento econômico, diante da desaceleração do investimento doméstico e das exportações, de acordo com comunicado do Comitê Central do Partido Comunista citado pela imprensa estatal.

No outro lado da disputa, economistas da NatWest Markets estimam que, nos níveis tarifários atualmente em questão, deve haver acréscimo de apenas 0,1 ou 0,2 ponto porcentual ao núcleo da inflação ao consumidor nos EUA. "O governo olhou novamente pela limitação do número de bens de consumo sujeitos à obrigação", explicam em nota a clientes.

É com essa serenidade que as bolsas de Nova York acumularam altas consistentes durante a manhã, com destaque para as gigantes do setor de tecnologia Apple, Facebook, Google, Microsoft e Amazon, todas valorizando-se mais de 1% às 12h32 (de Brasília). Nesta marcação, o Dow Jones subia 0,93%, o S&P 500 avançava 0,71% e o Nasdaq ascendia 0,87%.

Simultaneamente, o dólar contabilizava perdas principalmente em relação a rivais, levando o índice DXY, que mede a moeda americana ante outras seis divisas fortes, a ceder 0,49% no horário citado. Embora nesta marcação o dólar subisse a 112,50 ienes, o euro saltava a US\$ 1,1752 e a libra avançava a US\$ 1,3242.

Na Europa, a Bolsa de Londres fechou em alta de 0,49% e a de Frankfurt ganhou 0,88%.

O noticiário do Brexit mexeu com as divisas diretamente afetadas, à medida que os pronunciamentos das principais autoridades da União Europeia e da premiê britânica, Theresa May, no encerramento da cúpula informal do bloco na Áustria evidenciaram uma distância ainda considerável entre o que cada uma das partes quer após o divórcio. A proposta do Livro Branco "não funcionará, porque arrisca minar o mercado comum", resumiu o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk.

Além disso, o Escritório Nacional de Estatísticas do Reino Unido informou hoje que as vendas no varejo cresceram 0,3% em agosto ante julho, na contramão do recuo de 0,3% esperado por analistas.

Também nesta manhã, o banco central da África do Sul anunciou a decisão de manter inalterada a sua taxa básica de juros, em 6,5% ao ano. Em comunicado, reiterou a visão de que esse nível ainda é "acomodatício" e expressou preocupações com a volatilidade do rand e os reflexos do câmbio sobre a inflação no país.

Às 12h38, o dólar caía a 14,4223 rands sul-africanos, a 6,2261 liras turcas e a 66,4308 rublos russos. O movimento da moeda turca ocorre apesar de, hoje, o Ministério de Tesouro e Finanças da Turquia ter cortado projeções de crescimento para este ano, 2019 e 2020, e elevado as de inflação.

O BBH aponta que o dólar tem mostrado fraqueza mesmo em um quadro de elevação nos juros dos Treasuries, mas o banco de investimentos acredita que essa correlação entre os dois mercados deve se restabelecer em breve.

No panorama de hoje, os títulos da dívida dos EUA não firmaram, durante a manhã, tendência única, de forma que, às 12h41, o retorno da T-note de 2 anos avançava a 2,807%, mas o da T-note de 10 anos recuava a 3,066%.

Com a afirmação pelo presidente americano, Donald Trump, de que o "monopólio" da Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep) tem de baixar os preços da commodity "agora", foi justamente isso que ocorreu no mercado futuro. No mesmo horário acima, o barril do WTI para novembro caía 0,41%, a US\$ 70,48, na Nymex, e o Brent para igual mês descia 0,78%, a US\$ 78,78 o barril, na ICE.

Nessa marcação, o cobre para dezembro tinha baixa de 0,16%, também na Nymex.
(Nicholas Shores - nicholas.shores@estadao.com)